



## REPESONTOLOGIA E ESTUDOS REPRESENTACIONAIS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

### REPESONTOLOGY AND REPRESENTATIONAL STUDIES: SIMILIAARITIES AND DIFFERENCES

**RICARDO CORTEZ LOPES**

*Doutor e Mestre em Sociologia (UFRGS) e Graduado em Ciências Sociais e em História (UFRGS).*

#### RESUMO

O presente ensaio busca refletir e apresentar a Repesontologia (a ciência das representações) e os Estudos Representacionais (área que abarca as pesquisas produzidas sob a perspectiva da representação enquanto ferramenta de pesquisa). O nosso objetivo é comparar histórico, métodos e reflexão, traçando semelhanças e diferenças entre essas duas práticas de pesquisa. O texto se encerra refletindo sobre os trabalhos publicados na primeira edição da Revista Colirium e sobre as monografias que aplicam a repesontologia, com o fito de traçar um primeiro desenvolvimento do campo.

**Palavras-chave:** Repesontologia; Estudos Representacionais; Representação.

#### ABSTRACT

This essay seeks to reflect and present Repesontology (the science of representations) and Representational Studies (an area that encompasses research produced from the perspective of representation as a research tool). Our objective is to compare history, methods and reflection, tracing similarities and differences between these two research practices. The text ends by reflecting on the works published in the first issue of the Colirium Journal and on the monographs that apply repesontology, with the aim of tracing an initial development of the field.

**Keywords:** Repesontology; Representational Studies; Representation.

#### SUMÁRIO

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS; 1 REPESONTOLOGIA VS ESTUDOS REPRESENTACIONAIS; 2 CONCEITOS CENTRAIS DA REPESONTOLOGIA; 3 UM RAIOS-X PRELIMINAR DA REPESONTOLOGIA; CONSIDERAÇÕES FINAIS; REFERÊNCIAS.**



## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para quem se depara pela primeira vez com a expressão “Estudos Representacionais” (ER), é comum que surja certa estranheza – talvez uma hesitação conceitual –, ainda que suavizada pelo fato de que o termo “representação” já circule com relativa familiaridade em diferentes domínios da vida cotidiana, como nas esferas jurídica, artística, comercial<sup>1</sup>, entre outras. Em alguns contextos acadêmicos ou profissionais, é possível inclusive que o leitor já tenha tido algum contato com teorias da representação, mesmo que de forma tangencial.

No entanto, ao nos depararmos com a palavra representologia, a estranheza tende a ser total – e não por acaso: trata-se de um campo emergente, cuja própria nomeação ainda está em processo de consolidação no universo científico. Sua juventude epistemológica impõe, portanto, a necessidade de produzir e compartilhar novas fontes de informação, a fim de ampliar seu reconhecimento e consolidar seu vocabulário próprio.

Diante desse panorama, propomos, neste ensaio, apresentar e discutir ambos os termos – Estudos Representacionais e Representologia –, delineando suas origens, usos e abordagens. Ao longo do texto, exploraremos suas semelhanças e diferenças fundamentais, tanto no plano metodológico quanto no teórico, evidenciando como cada um se insere de modo distinto no campo das ciências humanas e sociais. Por fim, apresentaremos uma análise crítica sobre os caminhos que a representologia tem trilhado desde sua fundação recente, com o intuito de oferecer uma primeira sistematização do campo e colaborar com seu fortalecimento institucional e conceitual.

### 1 REPRESENTOLOGIA VS ESTUDOS REPRESENTACIONAIS

Tanto os Estudos Representacionais quanto a Representologia encontram definições formais no glossário da área, disponibilizado publicamente pelo Instituto Parajás (2024), sendo este um dos principais instrumentos de sistematização conceitual do novo campo. A respeito da representologia, o glossário a descreve como “a ciência que se responsabiliza por estudar as representações como objetos em si mesmas, investigando a sua constituição e o seu comportamento”. Em outras palavras, trata-se de uma ciência autônoma, que se dedica ao exame das representações enquanto entidades

<sup>1</sup> Representação comercial, representação jurídica, representação artística, *etc.*



com existência própria, buscando compreender como elas se formam, organizam-se e se manifestam. Essa abordagem parte da experiência empírica como ponto de partida, utilizando um método próprio para construir inferências sobre a estrutura e o funcionamento das representações em diferentes contextos.

Por sua vez, os Estudos Representacionais compõem um campo mais amplo e heterogêneo, no qual as representações são empregadas como instrumentos de análise ou categorias operacionais a serviço de outras disciplinas – como ocorre, por exemplo, na Teoria das Representações Sociais, desenvolvida por Serge Moscovici (2009), ou na abordagem das representações coletivas, formulada por Émile Durkheim (1970), entre outras vertentes. Nesses casos, a representação é mobilizada como conceito teórico para iluminar fenômenos de outra natureza, e não como objeto final de investigação. Essa distinção entre representação como ferramenta e representação como objeto é um ponto crucial, mas está longe de esgotar a discussão – ao contrário, ela nos convida a aprofundar ainda mais a análise sobre os modos diversos como a representação tem sido concebida, utilizada e interpretada nos diferentes campos do saber.

Em primeiro lugar, é importante destacarmos que a denominação “Estudos Representacionais” não surgiu de forma autodeclarada por parte dos pesquisadores que compõem esse campo. Pelo contrário: trata-se de uma classificação atribuída de maneira retrospectiva pela própria representologia, funcionando como um rótulo analítico que busca organizar e dar sentido a um conjunto de práticas acadêmicas que, até então, operavam de maneira dispersa. Em termos antropológicos, poderíamos dizer que se trata de uma categoria não êmica, ou seja, que não emerge de dentro do grupo, mas sim como uma tentativa de nomear, *a posteriori*, uma realidade já existente: diferentes disciplinas – autônomas entre si – que mobilizam a noção de representação como ferramenta metodológica ou conceitual, cada uma a partir de seus próprios interesses, sem que isso configure um esforço articulado ou um projeto comum.

A exceção mais próxima de uma convergência nesse campo talvez seja a *Jornada Internacional de Representações Sociais*, espaço consolidado de diálogo acadêmico, ainda que centrado majoritariamente na Psicologia Social. Foi nesse evento, inclusive, que apresentamos os primeiros esboços da teoria dos contextos representativos (Lopes; Kerber, 2017; Lopes, 2019), que mais tarde contribuiria para o alicerce da representologia. No entanto, mesmo ali, o foco permanece nas representações sociais, com a presença ocasional de outras áreas. Diferentemente disso, a



representologia parte de outra lógica: ela não apenas utiliza a representação como ferramenta – ela a toma como objeto principal de investigação, desenvolvendo um corpo teórico próprio e uma base empírica dedicada a compreender as dinâmicas internas da representação em si, sem depender necessariamente de outras disciplinas para validar sua existência.

É justamente por estarem vinculados a diferentes disciplinas consolidadas que os Estudos Representacionais desfrutam de uma trajetória histórica muito mais longa. Desde os filósofos pré-socráticos, no século V a.C., a noção de representação já comparece como tema de reflexão, ainda que sob diferentes roupagens conceituais. Em contraste, a Representologia é uma proposta recente, formalmente constituída apenas em 2024 d.C., o que revela um abismo temporal de muitos séculos entre a origem da reflexão representacional e a formulação de uma ciência que toma a representação como objeto em si.

Entretanto, essa diferença de longevidade não implica necessariamente uma sobreposição de campos. Cada um ocupa uma posição própria na chamada Divisão do Trabalho Científico: enquanto os Estudos Representacionais operam com a representação como instrumento – utilizando-a para construir conceitos e teorias aplicáveis a outros objetos ou fenômenos –, a Representologia se dedica à representação em sua substância, investigando suas estruturas internas e comportamentos específicos. Ela também lida com conceitos, mas com uma natureza distinta: são conceitos explicativos, voltados à compreensão do objeto representação em si, e não conceitos operativos, voltados à mediação de outros objetos. Essa distinção, por sua vez, leva-nos diretamente às diferentes formas como cada campo concebe e reflete sobre a própria ideia de representação.

No que diz respeito ao campo da reflexão, é evidente que tanto os Estudos Representacionais quanto a Representologia se debruçam sobre a representação. No entanto, o modo como cada um realiza essa reflexão difere substancialmente. No caso da Representologia, o foco é direto e explícito: a representação é o objeto central da investigação, e a reflexão é construída a partir de evidências coletadas por meio de um método próprio, concebido especificamente para abordar essa temática. Ou seja, a representação não é um meio para se chegar a outro fim – ela é o próprio fim da análise.

Já nos Estudos Representacionais, a reflexão costuma ocorrer de forma mais indireta. Nesses casos, a representação é mobilizada como uma ferramenta para compreender objetos alocados em outras áreas do conhecimento, como a História, a Sociologia, a Psicologia e/ou até mesmo a



Matemática. A representação entra em cena como um elemento instrumental, útil para o estudo de realidades diversas, mas não necessariamente como objeto de investigação em si. É claro que há exceções notáveis: autores como Serge Moscovici, Denise Jodelet e Jean-Claude Abric desenvolveram reflexões mais densas e sistemáticas sobre as representações sociais, o que talvez explique sua posição de destaque como referências incontornáveis dentro desse campo. Essas contribuições, em sua maioria, emergem da Psicologia Social e ajudam a iluminar as complexas articulações entre indivíduo e sociedade, revelando como os processos representacionais mediam essa relação.

Para fins de ilustração, podemos dizer que, nos Estudos Representacionais, a representação funciona como um barco – um meio de transporte, um instrumento que conduz o pesquisador até outro objeto. Já na Representologia, a representação é o próprio mar: um meio vivo, dinâmico e profundo no qual desaguam múltiplos rios, ou seja, diferentes manifestações sociais, simbólicas e discursivas. Por isso mesmo, os Estudos Representacionais são, por natureza, multidisciplinares – mesmo quando suas disciplinas não dialogam diretamente entre si. Já a Representologia, por mais que possa dialogar com outras áreas, é uma ciência autônoma em sua estrutura, capaz de operar de forma independente, sem depender de validação externa para ser metodologicamente funcional. Isso, porém, não impede que ela estabeleça pontes com outros campos – ao contrário, essa possibilidade é vista como enriquecedora e bem-vinda.

No que diz respeito aos aspectos metodológicos, os Estudos Representacionais apresentam uma ampla diversidade de abordagens, o que se deve, em grande parte, à consolidação institucional das áreas em que estão inseridos. Como essas disciplinas – História, Psicologia, Comunicação, entre outras – já possuem tradições consolidadas de pesquisa, é natural que seus métodos sejam variados e adaptados aos respectivos objetos e objetivos. Assim, a representação é abordada por múltiplas metodologias, muitas vezes sem uma unidade entre elas, mas com legitimidade garantida pelo campo ao qual pertencem.

Já a Representologia, por sua vez, vem construindo um caminho próprio nesse sentido. Embora já disponha de um método específico – voltado ao estudo da representação enquanto objeto em si –, ainda se encontra em fase de consolidação quanto aos seus procedimentos e técnicas operacionais. A estrutura metodológica geral está delineada, mas há um campo aberto para o detalhamento das práticas, o que exige um esforço contínuo de sistematização. Nesse contexto,



estamos atualmente elaborando um livro que visa justamente preencher essa lacuna, organizando e apresentando os fundamentos metodológicos da Representologia de maneira clara, prática e aplicável.

## 2 CONCEITOS CENTRAIS DA REPRESENTOLOGIA

Para que essa apresentação se complete de modo mais rigoroso, é necessário ainda explicitar alguns dos conceitos centrais que orientam o campo – e o primeiro deles, inevitavelmente, é o conceito de Representação:

Em termos constitutivos, trata-se um sistema especular simbólico-material que alimenta um núcleo associativo (utilizando elementos físicos e simbólicos que o corroborem), cujo objetivo é tentar duplicar proporcionalmente um referente externo a ela, existindo em função dele. Seu comportamento é o de buscar a sua fusão com o referente a partir de seu espalhamento, tornando-se sinônimo dele (Instituto Parajás, 2024, s/p).

É fundamental também esclarecermos o que entendemos por referente, conceito central dentro da representologia. O referente é aquilo que está sendo representado – seja um objeto concreto, uma ideia abstrata ou até mesmo uma realidade simbólica. No entanto, esse referente nem sempre é plenamente acessível ou diretamente observável. Em muitos casos, ele permanece como uma instância parcial, distante ou até mesmo idealizada. Tome-se como exemplo o termo “bem-estar”: ele pode ser representado por meio de uma única imagem socialmente compartilhada, ou por diversas representações distintas, dependendo do contexto, do grupo social e do repertório simbólico em jogo. Há situações em que o referente é, por definição, inatingível, e a representação atua quase como um exercício especulativo – uma tentativa de aproximação que, ainda que incompleta, busca dar forma ao que é indefinido.

Uma maneira de compreender isso é pensarmos na analogia com a magia: ao contrário da simples re-apresentação de algo já existente, a magia introduz elementos novos, inesperados, imersivos – e é justamente isso que também ocorre com algumas representações, que criam realidades próprias ao mesmo tempo em que dialogam com seus referentes.

Cada representação contém um núcleo associativo, que consiste na relação entre dois signos – normalmente expressos em linguagem verbal –, sendo um deles o referente. Esse núcleo é o ponto



de ancoragem da representação, e precisa ser validado continuamente para manter sua força associativa. Quando essa validação se rompe, a equivalência simbólica entre signo e referente se desfaz, comprometendo a estabilidade da representação.

Para que esse processo de validação ocorra, entram em cena dois dispositivos fundamentais: o reservatório factual e o sistema de julgamento moral. O primeiro funciona como um acervo de dados, imagens, experiências e registros que reforçam ou enfraquecem a representação; já o segundo atua como um filtro interpretativo, decidindo se determinado estímulo reforça, contradiz ou desestabiliza o núcleo associativo – ou, em certas circunstâncias, se serve como bode expiatório, desviando o foco para manter a coesão da representação dominante.

Ao investigar todos esses elementos – o referente, o núcleo associativo, o reservatório factual e o julgamento moral – torna-se possível compreendermos com mais precisão o modo como as representações são constituídas, mantidas ou transformadas. No que diz respeito ao comportamento das representações, esse campo é aprofundado pela teoria da representologia dinâmica, que propõe que o referente exerce um tipo de força de atração sobre as representações, e que estas, por sua vez, estruturam-se dentro de um sistema representacional – ou seja, um conjunto de representações que se validam mutuamente dentro do próprio reservatório factual. Temos, inclusive, um estudo voltado especificamente para essa temática, que deverá ser publicado em breve.

### 3 UM RAIOS-X PRELIMINAR DA REPRESENTOLOGIA

Com a publicação da primeira edição da *Colirium: Revista de Estudos Representacionais e Representologia* e o surgimento de novos livros e artigos voltados à representologia, já é possível traçar, na forma de um Raio-X preliminar, um panorama inicial sobre o estágio atual da área. Esse número inaugural do periódico revela uma predominância de pesquisas centradas na ficção, especialmente com foco em narrativas envolvendo superaventuras – o que indica não apenas uma preferência temática, mas também uma escolha metodológica alinhada a uma concepção de representação muito próxima da utilizada na História. Trata-se, em geral, de abordagens que mobilizam a representação para pensar a construção de personagens, enredos e discursos que, embora ficcionais, mantêm estreita relação com contextos sociais e simbólicos reais.



Os referenciais teóricos que sustentam essas análises estão sistematizados de forma mais aprofundada no livro-base da área (Lopes, 2024), mas seu uso prático nos artigos permite observar como determinados conceitos se operacionalizam nas pesquisas, revelando tendências interpretativas e categorias preferenciais dentro do campo emergente dos Estudos Representacionais. Nesse sentido, a revista funciona como uma espécie de termômetro das abordagens mais mobilizadas no momento.

Dentre os tipos de representação que mais se destacaram neste primeiro volume, duas merecem atenção especial por sua ampla disseminação: as chamadas representações justificantes e a noção de representatividade. Ambas aparecem com frequência e ajudam a delinear certos padrões de uso do conceito de representação nas pesquisas analisadas.

A primeira categoria que propomos é a das representações que chamamos de “justificantes”. Optamos por essa nomenclatura porque, em geral, elas se configuram em duas formas principais: (a) quando há uma compreensão ainda superficial do conceito de representação ou (b) quando se adota uma postura intermediária entre a tradição do representacionismo e a Teoria das Representações Sociais (TRS).

No primeiro caso, observamos que muitos pesquisadores recorrem à ideia de representação como um referencial teórico apenas de forma protocolar – sem necessariamente problematizá-la ou explorá-la em profundidade. A representação acaba funcionando como um argumento legitimador para descrever os dados coletados, quase como uma “desculpa conceitual” para apresentar aquilo que foi encontrado no campo ou no objeto de análise. Embora esse uso seja limitado, não o consideramos inútil; ao contrário, entendemos que esse tipo de aproximação cumpre um papel relevante na formação do pesquisador, funcionando como um exercício preliminar que pode amadurecer com o tempo. Trata-se, portanto, de um investimento inicial, que abre caminho para que a potência analítica da representação se revele mais adiante.

Já no segundo caso, identificamos um nível mais consciente de utilização do conceito, mas ainda preso à noção de representação como espelho – ou seja, como uma imagem que reflete algo ou alguém. Essa concepção está alinhada tanto ao representacionismo clássico (como discutido por Foucault, 1999), que entende a representação como cópia do real, quanto à própria TRS, que vê a representação como reflexo de um grupo social. Nessa perspectiva, temos uma abordagem “meio-termo”, que reconhece a importância das representações, mas ainda as trata como duplicações



simbólicas, sem explorar sua autonomia, sua lógica interna ou seu potencial de produção de sentido.

Outra noção que merece destaque é a de representatividade. Trata-se de um conceito amplamente difundido e que encontra forte ressonância entre diferentes segmentos sociais – tanto que já há, inclusive, uma revista especializada exclusivamente nesse tema. Seu apelo se dá, em grande medida, porque parte de uma premissa com a qual muitos concordamos: a de que a diversidade é um valor positivo que precisa ser defendido e ampliado. No entanto, segundo essa perspectiva, o problema estaria na existência de um sistema de privilégios que atua para esmagar essa diversidade, promovendo desigualdades e homogeneizando os espaços de poder.

Se olharmos com atenção, perceberemos que essa visão se apoia em um raciocínio de natureza estatística. A ideia subjacente é a de que a sociedade seria composta por um conjunto variado de identidades, grupos e características, e que essas diferenças estariam desigualmente distribuídas pelos diversos espaços sociais. Por meio de instrumentos como os censos, seria possível quantificar essa diversidade e, a partir daí, propor formas de redistribuição mais justas – garantindo que todos os grupos estejam proporcionalmente representados nas esferas de decisão, visibilidade e influência.

Entendemos, portanto, que a representatividade funciona como uma representação normativa: ela estabelece parâmetros sobre o que seria uma sociedade justa em termos de presença e visibilidade dos diferentes grupos. É uma ideia que mobiliza, convence, gera engajamento – e justamente por isso se mostra tão persuasiva. Mas, ainda assim, trata-se de uma representação como qualquer outra, com seus próprios códigos, limites e implicações. Ela também constrói uma leitura de mundo, e como tal, pode (e deve) ser analisada criticamente no campo da representologia.

Encerramos este texto apresentando um conjunto de pesquisas já produzidas na área, que nos ajudam a visualizar como a representação tem sido mobilizada em diferentes objetos e contextos. Em um dos artigos (Lopes; Martinez, 2024), por exemplo, investigamos como personagens históricos são representados dentro de um jogo de luta, evidenciando como a própria História pode ser reconstruída e performada por meio de mecanismos ficcionais. Em outro trabalho (Martinez; Lopes, 2024), analisamos a personagem Vesper Lynd, revelando como sua figura antecipa traços centrais da identidade que James Bond assumirá nas narrativas posteriores da franquia – uma representação que se projeta no tempo, moldando sentidos futuros.



Em outra frente, conduzimos um estudo voltado à análise de trabalhos de conclusão de curso em diversos níveis educacionais, com o objetivo de verificar em que medida esses trabalhos se alinham às diretrizes oficiais do Ministério da Educação (Lopes, 2024b). Também examinamos as representações de Jesus Cristo a partir de blogs cristãos que abordam a temática da pobreza, identificando quatro imagens distintas de Jesus e as formas como elas dialogam entre si (Lopes, 2023). Em um capítulo de livro (Lopes, 2023b), refletimos sobre o possível esgotamento do zeitgeist contemporâneo, e esboçamos considerações sobre o papel das representações nesse cenário de transição simbólica.

Outrossim, há um estudo que explora como se constrói a figura do “candidato ideal” em concursos para docentes voluntários, analisando os sentidos políticos e simbólicos dessa figuração (Lopes, 2024d). Encontramos ainda uma contribuição voltada à literatura (Cavalcante, 2024), que aborda representações de identidade e alteridade, bem como uma pesquisa centrada nos chamados “jogos políticos” – games que ironizam ou caricaturam disputas eleitorais, também examinados pela ótica representológica (Lopes, 2024c).

O que percebemos, ao considerar esse conjunto de estudos, é que a representação aparece frequentemente como uma ponte entre o real e o ficcional – um intermediário que conecta diferentes níveis de experiência e sentido. Essa leitura é válida, sem dúvida. Mas é importante ressaltarmos que, em muitos casos, a própria representação se torna um vetor de orientação do mundo real – inclusive por meio da ficção. Ou seja, não se trata apenas de refletir o mundo, mas também de modelá-lo, direcioná-lo e, em alguns contextos, reinventá-lo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos este ensaio nutrindo um sentimento genuíno de otimismo em relação ao crescimento e consolidação da área, cujo desenvolvimento tem sido impulsionado de maneira significativa pela *Revista Colirium*, que se apresenta como espaço inaugural e indispensável para o florescimento das discussões representológicas. A recepção inicial dos trabalhos publicados, bem como o interesse crescente de pesquisadores de distintas formações, indicam que há terreno fértil para o avanço coletivo desse campo que ainda dá seus primeiros passos, mas já demonstra força conceitual e vocação interdisciplinar.



Entre os projetos que vislumbramos a curto prazo, está o lançamento de um repositório de representações, concebido como um instrumento de sistematização e preservação de materiais empíricos que possam subsidiar novas pesquisas. Mais do que uma base de dados, esse repositório será também uma provocação metodológica e teórica: um convite ao olhar atento sobre os modos como o mundo é representado, interpretado e ressignificado em diferentes contextos.

Minha expectativa é que, à medida que o campo amadureça e novos pesquisadores se integrem a essa agenda de investigação, possamos vislumbrar a criação de uma linha de pesquisa e, quem sabe, a estruturação de um programa de pós-graduação voltado especificamente à representologia. Ambicioso? Sem dúvida. Mas, se toda ciência começa com uma aposta – ainda que solitária –, nada nos impede de sonhar alto e trabalhar para que esse projeto se concretize. Afinal, toda construção coletiva começa com o primeiro gesto de tentativa. E o nosso já começou...

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Maria Iracilda Gomes. Representações de Identidade e Alteridade em “A Tenda”, de Margareth Atwood. *In: Revista Colirium*, v. 1, n. 1, p. 10-24, 2024.

DURKHEIM, Émile. *Sociologia e filosofia*. São Paulo: Ed. Forense, 1970.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins, 1999.

INSTITUTO PARAJÁS. *Glossário de termos representológicos*. Disponível em: < <https://www.institutoparajas.org/general-7> >. Acesso em: 12 de Agosto de 2024.

LOPES, R. C. Os trabalhos de conclusão de curso colaboram para os objetivos gerais da Educação Brasileira? Uma análise literalmente documental. *In: Revista Interfaces*, v. 15, p. 1-18, 2024b.

LOPES, Ricardo Cortez. Jesus Cristo e questão da pobreza: cristologia comparada em blogs críticos. *In: Em Tese* (Florianópolis), v. 20, p. 165-193, 2023.

LOPES, Ricardo Cortez. O fim do Zeitgeist?. *In: MATISSE, Vitor; EFTHYMIATOS, Enzo da Silva; FIEDLER, Cássia Zimmermann; ANDRADE, Érica Isabel Dellatorre; STEINSTRASSER, Giselle dos Santos; CORRÊA, Guilherme Augusto Pessin; SCHARDOSIM, Ivan Krás Borges; THOMÉ, Liane Maria Busnello; FERREIRA, Rute Raquel Prates (Orgs.). Filosofia contemporânea e educação, ética*. 1ed. Porto Alegre: Fundação Fênix, 2023, v. 4, p. 91-103.



LOPES, Ricardo Cortez. Concursos para docentes voluntários no Brasil: entornos e contornos do fenômeno. *In: Temáticas*, Campinas, SP, v. 32, n. 63, p. 138–163, 2024d.

LOPES, Ricardo Cortez. Uma cultura política produzida por meio de jogos políticos?: análise representológica dos personagens dos jogos “Políticos Memes Kombat”, “Kandidatos” e “Street Fliper o Golpe Final”. *In: Revista Colirium*, v. 1, n. 1, p. 25-55, 2024c.

LOPES, Ricardo Cortez. **Repraesontologia**: fundamentos da ciência das representações. São Paulo: UICLAP, 2024.

LOPES, Ricardo Cortez; KERBER, Mônica Backes. Uma contribuição sociológica: construção de entornos e dinâmica para as Representações Sociais. *In: Anais da X Jornada Internacional Sobre Representações Sociais*, VIII Conferência Brasileira Sobre Representações Sociais, Belo Horizonte, UFMG, 2017.

LOPES, RICARDO Cortez; MARTINEZ, L. Y. L. . Um enredo com e sem história? De que maneira a historiografia contribui para a construção de personagens? Por uma história que é meta-contextual e entretém?. *In: Escritas*: revista do curso de história de araguaína, v. 15, p. 27-55, 2024.

LOPES, Ricardo Cortez. **Construindo Contextos**: Uma contribuição sociológica para compreender a relação indivíduo e sociedade. Curitiba: Viseu, 2019.

MARTINEZ, L. Yana L.; LOPES, R. C. The Name is Lynd, Vesper Lynd: a mirror in Casino Roayle. *In: Sociologia (PORTO)*, v. 48, p. 111-125, 2024.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. *In: MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petropolis; Vozes; 6. ed; 2009.

Recebido em: 24/01/2025 | Aprovado em: 13/04/2025